

DEPÓSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

HMORISTICO

Seção literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARROZA
JOSÉ DE ARTIMANNA

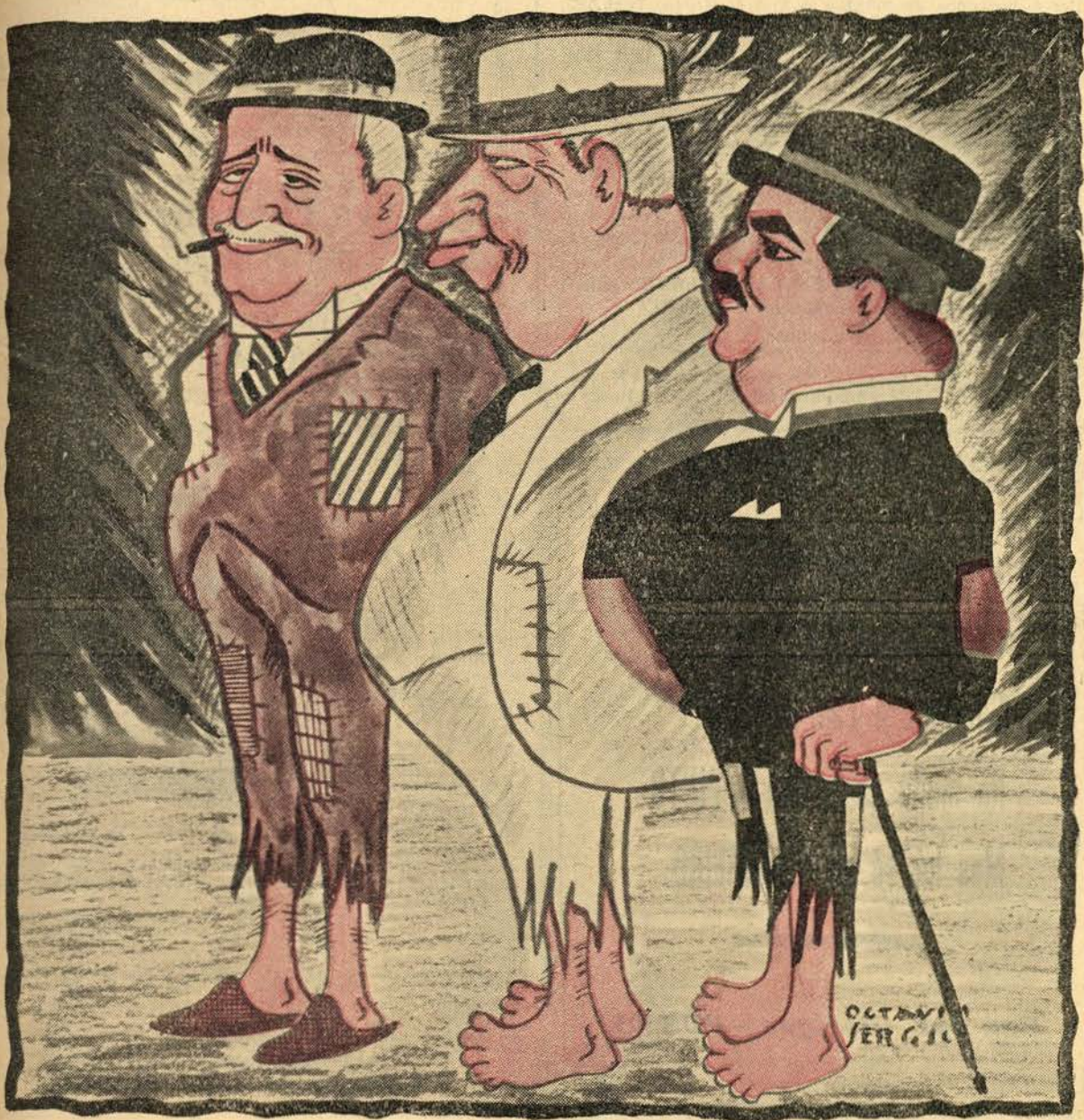
Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO SERGIO



Um Novo Estado Brasileiro



ou o estado a que chegaram os portadores de títulos do Brasil

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.^o
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 6 Pôrto, 28 de Maio de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldó Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura

Continente e Ilhas

Ano 45\$00

Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00

Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00

Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencion

A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.

Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Te ef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 955.

Rua Anselmo Braancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314 — FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

Teleg.: ADEU PORTO
GAIA

PBX 33 PORTO
Telef.: 133 Matozinhos



Amadeu Martins Pinto

— ESCRITÓRIOS: —
Rua General Torres, 1
VILA NOVA DE GAIA
(Portugal)

Prová-los é
preferi-los
sempre

VINHOS
AMADEU

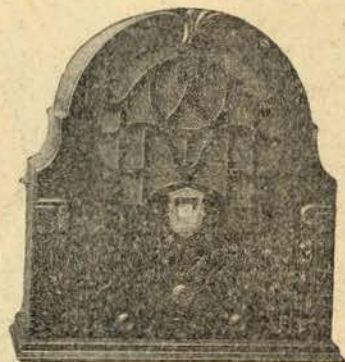
Sabor
Aroma
Pureza

De Lisboa a Rio Tinto
Correndo o País inteiro,
Há muita gente que é PINTO
Mas há só um CAMISEIRO.

Rua dos Clérigos — PORTO

RÁDIO

TELEFONIA



V. Ex.^a está comprador de um receptor ou de qualquer
accessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome
qualquer resolução sem visitar a CASA FORTE, o maior
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao
dispor de V. Ex.^a aos melhores preços do mercado.

CASA FORTE

SÉDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111

O dia da Boa-Vontade

Como tôda a gente sabe, realizou-se na semana passada em todo o País o dia da Boa-vontade. E êste dia que é, como todos, uma parte integrante da Semana, decorreu no meio do maior entusiasmo, e teve a enormíssima qualidade de ter só as 24 horas do costume. O mesmo não acontece às *Semanas de qualquer coisa*, que teem pelo menos nove dias.

Damos em seguida as notas mais características dêste célebre dia.

Boa-vontade teatral

Foi sem dúvida aquela que experimentaram os espectadores do teatro Sá da Bandeira no dia do «Estandarte». Foi preciso uma boa-vontade dos diabos para se gramar aquele terceiro acto que tinha pelo menos quinhentos *vocês* e mil e sete *Zês Maneis*. Aquilo — meninos — estava a pedir uma chuvinha de batatas.

Felizmente vamos ter os reizeiros esta semana e pode ser que a gente veja alguma coisa de teatro.

Boa-vontade de dar

Também calhou, sim senhor! E tão bem que veio ao mesmo dia que a festa do Bolhão.

A gente deu tanto para os tuberculosos, que deixou a algibeira no mesmo estado.

E a boa-vontade de dar foi tão mani-

festada, que o distinto actor Erico^o Braga levou tôda a gente no balão.

Boa-vontade sportiva

Ficou absolutamente demonstrada no último Domingo no campo do Lima. A não ser a boa-vontade de todos os que não são desportistas, mas que contribuem de boa-vontade para que os outros o sejam, tinha havido mosquitos por cordas. E sabemos que alguns dos espectadores, além de pagarem, ainda se convenceram que os dirigentes da Federação estavam animados de boa-vontade em lhes restituirem o dinheiro.

Boa-vontade automobilística

foi representada por aquela corrida negativa que iniciaram os carros com mais de trinta esbarradelas. Esta coisa de ir daqui para o Estoril num veículo de remendos, contemporâneo do Matusalém, é ir além de tôda a boa-vontade! Estamos a ver a cara da maior parte dos concorrentes, quando passaram em Gaia na Fonte dos Arrepêditos!... Mas era tarde e Inês era morta. Foi mais um atropelamento.

Pelo caminho cantava-se êste estribilho:

*E pela estrada fora — Toc-toc-toc
O automóvel atrás, e o burrinho adiante
Uns pelo seu pé e outros a reboque
Antes que arrefeça toc-toc-toc*

esta boa-vontade — a nós dá-nos vontade, nem sei de quê.

Criaturas que não gostam dos dias da Boa-vontade

Os farmacêuticos — porque não venderam purgantes.

Os caloteiros — porque não compreendem que se possa pagar algum dia.

Os guarda-freios — porque a boa-vontade em pararem onde lhe pedem é uma Zona que não existe.

Os sinaleiros — que erguem o pau por dever de ofício e nunca se riem para quem passa.

Os críticos — cuja proverbial má-vontade, dá vontade de rir.



Marcial Jordão

Este nosso ilustre colaborador encontra-se de cama, pelo que lhe não foi possível enviar-nos a sua preciosa colaboração.

Por isso, não publicamos hoje *Factos a prestações — crónica anacrónica*, do que pedimos desculpa aos nossos queridos leitores.

E ao nosso bom Dr. Campos Monteiro, verdadeiro patriarca desta casa, apresenta a rapaziada os seus cumprimentos com os desejos de prontas melhoras.

A Semana do Livro

O QUE ÊLES E ELAS QUEREM

Pode desde já prever-se um êxito formidável à *Semana do Livro*, que não tarda nada a abrir de par em par os seus «stands», no coração da cidade, e sob o olhar paternalíssimo do nosso Dom Pedro IV e respectiva alimária.

Como tôda a gente sabe que MARIA RITA tem grande influência e vai meter prego e respectiva estôpa no assunto, os pedidos de reserva de livros chovem nesta redacção.

Até à hora do nosso jornal entrar na máquina, temos na nossa banca de trabalho as seguintes requisições de volumes de prosa e verso:

Para o sr. engenheiro Vítor Hugo, o *Fogo mal extinto* de Ardel e *A Divina Canção*, do mesmo para o Prof. Júlio Câmara.

De Zozaya, *As Auroras*, para a escritora Aurora Jardim Aranha, e de Vautel, *A Reabertura do Paraíso terrestre*, para o Dr. Amílcar de Sousa.

O sr. Cunha da Rasa vai adquirir *O Segrêdo do Barba-Azul*, de Fernandez Flores, e o dr. Germano Campos Monteiro, o *Inimigo do Matrimónio*, de Insúa.

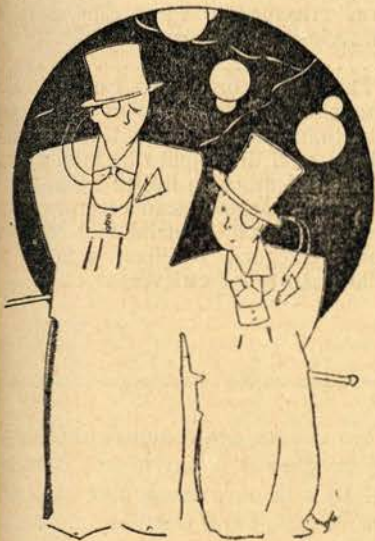
O sr. Manuel Reis comprará *O Diamante verde*, de Marodon, e o sr. Américo Cardoso, o *Homem das Multidões*, de Zacone.

Para os srs. Moreira da Silva & Filhos, as *Rosas de todo o ano*, de Júlio Dantas, e *A alma das árvores*, de Correia de Oliveira.

Heitor Campos Monteiro, adquirirá o livro de crónicas de seu pai *A oito dias de vista*, Arnaldo Leite, o *Alívio de tristes*, de Correia de Oliveira, Octávio Sérgio, *Perfis suaves*, de Júlio Brandão e Carvalho Barbosa *Almas de mulheres*, de Zozaya.

Os jornalistas Júlio Ribeiro e Aníbal de Moraes, requisitaram já, respectivamente, *Saúde e Fraternidade*, de Campos Monteiro e *Azul e Branco*, de Ardel.

Previdência



— Por que seria que o Antunes desatou a aprender o francês?

— Porque adoptou uma criança de peito francesa e querê entendê-la quando ela começa a falar.

Esta semana foi abominável de monotonia! Valeu-nos Mestre António Ferro,—herói que na Dramaturgia encontra efeitos novos; e, quando na Política descamba, não põe problemas para bem dos Povos nessas teses tesíssimas,—caramba! Não, meu leitor: Põe ovos! O Nosso Pirandelo, salvo seja!, que D'Annunzio nos diz valer por sete, abaixa-se, corteja, às vezes cacareja... e sai ovo perfeito — em omelette!

Fêz-se a Semana da Tuberculose.

Foi um encantamento que redundou em franca apoteose ao que busca o alheio sofrimento para o tornar menor...

O excelente burguês foi generoso e bom mais uma vez.

Elas sabem de cor o segrêdo da eterna pedinchice. Seja Violante ou Leonor, Clarisse ou Doroteia,—como resistir àquele tom persuasivo e doce que nos comove e que nos faz sorrir? ...Agente dá-lhes tudo—e o mais gastou-se!

O Sol pregou-nos—ai!—um susto formidando, um dia destes. O que haverá nas regiões celestes que o Astro-Rei é outro e a chuva cai? Os conhecidos Sábios da Escritura —segundo o Vate diz—penetram nos segrêdos da Natura; mas torcem o nariz se um fenómeno surge, retorcido qual chifre que Ramalde, em bois, nos dá. Que teve o Sol inopinadamente? Vai acabar o Mundo?—Francamente já são hórinhãs, já...

Frei-SATAN.

União ibérica



A melhor legenda é a que se não escreve

O Pires

A infância do Pires já foi uma coisa que deu brado. Nasceu pequenino e mirrado como uma centelha de talento. Quem se não importou com isto foi a mãe e a parteira que acenderam a luz do Pires com muito mais facilidade. Não foi dado verdadeiramente à luz. Foi à média luz.

Durante os primeiros dez anos da sua vida, pouco mais cresceu. Sempre pequenito, encurrilhado, parecia que dentro do seu corpo vivia apenas e sempre aquela média luz em que nasceu. A sua criação foi tão atribulada, tão cheia de meningites e doenças cerebrais, que já ninguém reparava quando êle dizia asneiras às criadas, insultava as visitas, ou estendia palmo e meio de língua aos seus progenitores irresponsáveis.

Era à sua má criação, diziam a desculpá-lo.

Mas não era! Aquilo era o talento a bombardeá-lo, a espirrar por todos os poros. Sobretudo o que lhe saía pela língua quando a punha de fora, era o bocado que mais se salientava.

Aprendeu a ler com muitos empenhos aos mestres, dizia mal dos companheiros de escola, sabujava, mas não havia meio de crescer.

E aquilo dava que pensar aos pais, que não gostavam de ter só meio filho, e que se iam convencendo a pouco e pouco do seu espírito e talento.

O pai não se importava muito, mas a mãe tinha desgosto, e atribuía aquela pequenez a mau olhado de alguém.

No cerêbro duma mulher se algum dia calha de entrar uma ideia, só sai passados nove meses, e tem de ser a ferros. Por isso quando a ideia do mau olhado acudiu à mãe do Pires só saiu quando o levou à bruxa.

Estava o nosso hominho na risonha idade de quatorze anos, quando lhe foi dado entregar a sua mão pequenina à mãozona duma vidente encartada.

A mãe teve de dar os antecedentes do rebento, dizer quantos tomboz apANHOU e as quedas que demonstrava. E' claro que veio à baila a má criação do Pires, os seus costumes, e uma coisa a que a mãe chamava inveja, mas que não devia ser, segundo a explicação dada depois.

A bruxa, concentrou-se, depois de ouvir, o Pires cuspiu meia dúzia de insultos às mulheres de virtude, a mãe disse duas veses—ai Jesus!, e depois ouviu assim:

—Esta criança pequena e magra, parecendo que quasi não existe, há-de ser um grande homem um dia. Da sua má criação, não teve ela culpa; é o talento a borbulhar. Quando deita a língua de fora, é o espírito de orador a provocá-lo; e quando insulta as visitas, é o espírito crítico a percorrê-lo

todo. Quanto à inveja é só enquanto fôr deste tamanho. Mas crítico é que êle há-de ser um dia. Há-de ser um grande crítico! Igual aos grandes críticos da nossa terra, como Eça, como o Fialho e outros...

E mais não disse a bruxa...

Rodaram os anos... cresceram os dias, os desgostos... Mas o Pires não cresceu nunca. O princípio da sua má criação continuava a alastrar-se pela vida fora. Foi médico... teve de desistir porque todos os seus doentes morreram de bom grado!

Foi jornalista, e tiveram de o pôr de retém num cofre forte, tão crítico se tornou... o seu estado.

Foi político... mas eram de tal forma as suas irradiações cerebrais que teve de ser irradiado também.

Foi escritor... mas os seus livros não passaram de oito páginas e meia, tal era a sordidez do Pires. Mas quem o ouviu falar, diria que o Pires era alguém. Do seu metro e palmo e meio de altura, ninguém fazia caso... menos o Pires, que, absolutamente convencido da profecia da bruxa, se julgava um mestre em tudo menos na ignorância. A gente às vezes tem destas incongruências: despreza a única coisa que deveria saber.

Foi então a altura do Pires começar a discursar. Falava por tudo e por nada, de tudo e de todos.

Mas a saúde, pelo já célebre princípio da sua má criação, não podia resistir a um trabalho tão extenuante. E um dia, depois de ter terminado o seu vigéssimo oitavo discurso em palavras cruzadas, o Pires cambaleou e sobreveio-lhe a última meningite.

Fui levá-lo ontem ao cemitério do Repouso bem merecido a alma que tanto tinha trabalhado sem uma finalidade. E ouvi dizer junto de mim a uma pessoa da família do ilustre extinto:

—Afinal sempre saiu certa a profecia da bruxa! Actualmente teem a mesma categoria o Pires, o Eça e o Fialho: são todos cadáveres...

J. d'A.

No Louvre, dentro duns nichos, figuram cavalheiros muito nossos conhecidos. Lá está o Massena, que fez uma cena na nossa terra. O Junot todo janota a lembrar-se do teatro de S. Carlos. E quasi ao chegar à praça do Palais Royal, orgulhoso e descarado, está o Soult, voltado para o Norte, que é para disfarçar...

POR ARES E VENTOS

ENTREVISTA SENSACIONAL

De como uma arrojada mulher consegue voar do Palácio de Cristal até à risonha freguesia de Perozinho, de Gaia. Uma descida à francesa :

Realmente o Pôrto, andava precisadinho de coisas emocionantes. E como já há mais de vinte-e-cinco anos, não andava com o nariz no ar por coisa que o valesse, a Exposição Internacional da Luz e do Som, veio trazer-lhe o motivo para isso.

Verdade, verdade! Neste tempo, de telefonia sem fios, de rádio-televisão, de aeroplanos, de dirigíveis monstros, nada há que mais cativo o Zé Povinho do que voltar atrás.

E um balãozito, mesmo que seja de ensaio, ficava a calhar nos dias do Senhor de Matosinhos e do Senhor da Pedra.

A partida

Desde as duas horas da tarde que a nossa curiosidade nos tinha levado para o Palácio de Cristal.

Logo ali procuramos saber pormenores da enormíssima viagem. Admiramos profundamente a coragem da tripulante, a arrojada Madame Weber que sorridente nos declarou, que para ela as ascensões eram uma coisa de trazer por casa. Mais nos disse que desta vez, tencionava ir no balão até à sua terra. A questão era do vento...

A's quatro horas, o Palácio estava absolutamente pejado de amadores das grandes sensações. O balão estava mais inchado do que os cofres públicos, e o público estava impaciente. A francesa, sorridente, tomou lugar na barquinha e deu ordem de marcha...

Eram cinco menos um quarto, quando o balão se elevou nos ares, bonito, fresquinho, enquanto a Madame Weber despejava beijos cá para baixo. Delirava-se. Disseram-nos depois que esses beijos eram como lastro. Despejando-os o balão subia mais de-pressa.

De nariz no ar

Quando já nada se avistava da aeronauta, entrou nos milhares de corações que tinham assistido à largada, uma tristeza infinita. Todos sabiam que ela caminhava para o desconhecido. E como ninguém se tinha lembrado de lho apresentar, êsse desconhecido comprimia o coração do povo bom do Pôrto.

Alguns puseram-se a fazer contas: no melhor dos casos, 50 quilómetros à hora; daqui a França: 1:500 quilómetros; portanto só dentro de 30 horas estaria em casa. Viam-se lágrimas em muitos rostos, enquanto os narizes continuavam voltados para o céu, a acompanhar a evolução do único balão que o Erico Braga não conseguira vender a ninguém.

Seguindo a rota

Mas nós, que não nos deixamos tomar por sentimentalismos, e temos a obrigação de dar aos nossos leitores a melhor das informações, metemo-nos num automóvel e resolvemos seguir até onde pudéssemos o rasto da francesa. Ai valente!...

Logo de princípio tivemos a impressão de que o balão tinha vontade de ir ao Senhor da Pedra. E quando nos vimos do lado de lá da ponte, esta impressão radicou-se absolutamente. Fomos andando; mas dentro em nós havia alguma coisa que nos dizia que o balão ia muito devagar. Mais uns passos, e quando chegávamos a Perozinho, notamos com espanto que de bordo do aerostato (ai-era!) nos faziam sinais. Sabemos falar francês desde muito pequeninos. Por isso respondemos em francês a êsses sinais e corremos até de baixo do balão. E vimos então, com espanto, que a corajosa Madame se preparava para deitar a âncora no meio dum campo de milho mído.

Num pulo estávamos no local da amilhissagem e dávamos galantemente a mão à gentil ferramenta.

O que ela nos disse

Vimos-lhe a intrepidez ao desvencilhar-se

das cordas; lobrigamos as bóias de salvação absolutamente intactas. E respeitosa ouvimo-la:

— Quem sois?

— Representantes de uma senhora que usa saias de balão e meias ensacadas.

— Ah!... da MARIA RITA!...

Inclinamo-nos o mais respeitosa, enquanto ela dobrava o balão cuidadosamente e o metia na saquinha de mão.

— Pois eu, não consegui o meu objectivo. Tinha tenções de ir por aí fora; mas não pude; o vento não quis levar-me... E sabe qual foi o bocado mais perigoso da viagem? Foi a travessia

do rio Douro. Só em lembrar-me que podia lá ter caído, estremeço. Estragava a pintura. No Domingo passado fui até Gondomar; hoje vim até Perozinho. Deve ser longe, não?

— Sim, minha senhora! Uns 10 quilómetros do ponto de partida.

— Ah! Bem dizia eu. E sabe-me dizer se houve vítimas?

— Vítimas?...

— Sim... dos sacos de areia. A's vezes caem na cabeça de quem passa... Mas sabe: eu gosto de voar. Eu queria ir longe, muito longe.

— Mas segundo cremos, foi V. Ex.^a quem provocou a queda.

— Pois fui... Nós as francesas gostamos disso. E depois eu vou fazer a viagem em *etapes*. No próximo Domingo levanto vôo daqui e vou cair noutro sítio... e assim sucessivamente até que beba os ventos da Pátria.

Deixamo-la. E aqui estamos para dizer a VV. Ex.^{as} que o balão da madame, não tem asas mas avoa um bocadito.

PERFIS DO PORTO

VI

CRISTIANO DE CARVALHO



O haut-parleur das blagues nacionais. Gentilíssimo espírito de artista e intelectual. O único anarquista do mundo que em vez de bombas usa sorrisos.

A VIDA E A MORTE

VI

DESCRENÇA



OCTAVIO
JERÔNIMO
1939

— Nós é que, com a vida que temos levado, não podemos entrar no céu.
— Deixa lá, Petiza, se calhar também não havia.

Casos da rua

— Há dias vimos numa rua, especializada em escritórios forenses, o seguinte letreiro:

Vitória e Landolt
Advogados

— Por baixo soubemos que morava e mora a filha do falecido Malaposta, conhecido tipo do nosso burgo.

E dissemos cá para nós, que uma sociedade onde entra uma Vitória e

um Landó, e está por cima da Malaposta, não é uma sociedade de fóro, mas antes uma sociedade de transportes. Não acham?

— Declarou-se em completo estado de falência o nosso grande amigo José Seguro, fabricante de livros comerciais. Na participação da ocorrência, foi apresentado como atenuante o facto dos livros terem o *Deve* onde deviam ter o *Haver*. Este êrro perdoável fêz com que o bemquisto negociante julgasse o activo muito superior ao passivo, quando era precisamente o contrário.



Um pouco de história

Chopin

Este falecido músico pertenceu à banda do Zé da Gaita, tendo mais tarde transitado para a Guarda Republicana, onde tocava piano de varas e de-veras.

Chopin, a quem muitos erradamente chamam Chopan, perdia as noites na paródia, motivo porque se tornaram célebres os seus nocturnos, especialmente quando os tocava na Guarda, nocturnos que ficaram conhecidos em todo o mundo musical pelos nocturnos da Guarda, ou pelos guarda-nocturnos de Chopin.

Que o seu nome era Chopin e não Chopan, provam-no várias composições poéticas, do teor da que a seguir publicamos:

Pões-me o coração aos pulos,
Quando tocas, cherubim,
No teu piano de cauda,
As mazurcas de Chopin.

Ora aí está: Chó... pin, pin, pin!
Isso de pan, é lá com os espanhóis,
pan e toros...

O que atirou com Chopin para os pináculos da gloria foi a sua formosa «marcha fúnebre», composição patética própria para acompanhar os credores até à porta da rua e a sogra até à porta do cemitério.

Chopin era um sentimental, um romântico, um bota de elástico que se fôsse vivo... já tinha morrido de desgosto com uma jazz-bandite galopante.

Da vida de Chopin tem-se ocupado vários escritores, havendo várias obras referentes ao grande músico, quer em romances quer em peças de teatro. Destas últimas, a mais conhecida é *O Chopin de cristal ou a gata borralheira*.

DOIS LIVROS

Que merecem a atenção de Portugueses e Brasileiros.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS

por Dr. Francisco Torrinha

O único absolutamente actualizado depois do acôrdo ortográfico com o Brasil. Preço 25\$00. Durante a SEMANA DO LIVRO, é vendido a 20\$00.

SÓ por António Nobre

Primorosa edição em papel holandês. Preço 17\$50. SEMANA DO LIVRO na Praça da Liberdade STAND n.º 6. da **Livraria Simões Lopes**, de Domingos Barreira, Rua do Almada, 123—Pôrto.

Estes preços são mantidos apenas durante a SEMANA DO LIVRO.

O cúmulo da amabilidade

O Espinóquio, o meu amigo Espinóquio Martins, era a amabilidade em pessoa.

Favor que lhe pedissem, só não era satisfeito se fôsse um autêntico impossível.

E senão, vejam:

Um dia, uma criança, a chorar, pedia-lhe a lua como quem pede um tço de melindres. E ele, pensativo, não dizendo abertamente ao pequeno que o que ele lhe pedia era o maior dos im-

possíveis, ficou-se a meditar sobre as experiências do professor Piccard na estratosfera e os seus futuros resultados sobre as viagens siderais, convicto que não viria longe o dia em que um tal pedido pudesse ser satisfeito.

De outra vez um seu velho amigo começou a lastimar-se de ter sido durante muitos anos um incorrigível celibatário e de agora, querendo emendar-se, não ter sorte nenhuma com as mulheres. O nosso bom Espinóquio,

comovido, acabou por lhe pedir desculpa de não ser mulher, caso contrário estaria servido.

Mesmo assim... mesmo assim não descansou enquanto não lhe arranhou uma sólida matrona ainda em muito bom uso e quasi em primeira mão.

Com este seu feito amável e servicial para com aqueles que lhe vinham pedir favores nunca as suas mãos deixaram de se abrir, nem as suas pernas, cansadas, se recusaram a subir aos mais íngremes andares das repartições públicas, a mendigar colocações para quem lhas vinha solicitar.

O seu próprio casamento veio mostrar quam grande espírito de sacrifício tinha pelos outros.

No baile dos Travassos acabara ele de fazer o trabalhosíssimo frete de dançar com uma menina da categoria "pesados" (90 kilos de carne limpa), quando, ao entregá-la à mãe, esta, que toda se derreteria vendo a elegância paquidérmica da sua cria na dança, lhe disse, implorante:

— Ai, sr. Espinóquio! Aqui a Primavera, quem ma dera ver com flores de laranja. Não está ela na idade dos amores?

Ele dengoso, amável como sempre, respondeu:

— Oh! minha senhora! E não é a primavera a estação dos amores?

— Se o senhor, que tão conhecido é, soubesse de alguém, sim, um amigo disponível...

E rebolando uns olhos furibundos para a sua cria:

— Não sei se me faço compreender...

Fazia. E tanto fez que o Espinóquio, meses depois, como ainda não tivesse arranjado ninguém para a Primavera, aflito por ver que a mãe continuava a esperar dele esse favor, lançou-se-lhe nos braços, dando-lhe o doce nome de sogra...

Ora uma noite, o nosso Espinóquio recolhia a casa tarde e a más horas. Demorara-se no club com uns amigos em alegre convívio, em tão alegre convívio que lá deixara a massa toda num inocente joguinho de vasa.

Como a noite fôsse já bastante adiantada resolveu, para chegar mais depressa, meter por uns atalhos que lhe encurtavam muito o caminho.

Em certa altura, num cruzamento êrmo, apareceu-lhe um malandrim de faca em punho que o intimou, com modos que não admitiam réplicas, a entregar-lhe tudo quanto levava. Mas o nosso homem, mais depenado que um frango ao entrar na panela, nada tinha para lhe dar. Penalizado, pois que era o primeiro pedido que lhe faziam sem poder ficar servida a pessoa que se lhe dirigia, teve apenas esta resposta, muito sincera:

— Desculpe, amigo, não poder satisfazer agora o seu pedido, o que de-veras me penaliza. Em seu favor, o mais que eu posso fazer é recomendar a todos os meus amigos que passem por aqui de noite.

COROAS & CARTOLAS

VI

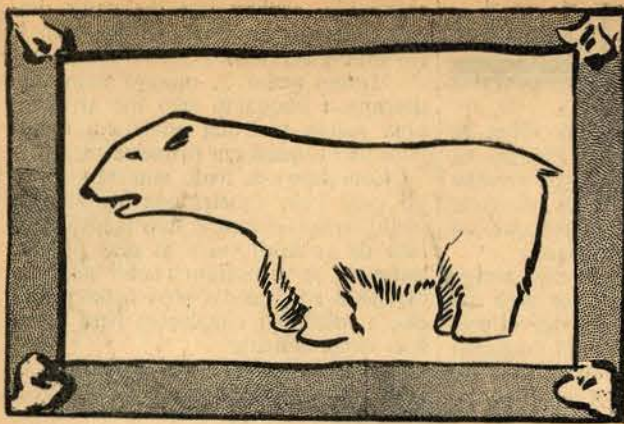
HERRIOT



STAVIO
JERGIN

Ora aqui está um homem que só com **R** e **Ô** consegue ser um grande nome.

Dr. Galo e LIMA.



URSO

Por Pedro de Figueiredo.

Grande prêmio de concurso
Lá ganhou o Figueiredo,
Pois se mete medo o urso,
No retratar-se tem dedo.

AO PÚBLICO

O' vós qu'intentais entrar,
Limpai os butes da poeira.
A' porta deixai ficar
A esp'rança derradeira.



TERESA

Por José de Sá Lemos.

Assim posta eternamente
Na postura de chocar,
A môça diz: *tá cá gente*
Faça favor d'esperar.

A VOO DE PARDAL

A EXPOSIÇÃO OFICIAL DAS BELAS-ARTES

Migueis Angelos e Rafeizes

Niagaras de sonho!

MAMARRACHOS



CABEÇA

Por António de Azevedo.

Olha se os ventos suportas,
Enfim, vê lá o que fazes,
Pois tu que as ventas entortas,
E' que presente-los gases.

AOS PINTORES

O' manes de Rafael
Pintores de vão intento,
Ai nada vale o pincel
Q'ando não há pinsamento.

Toneladas de génio!



NU

Por Agusto Ilídio Tavares.

Não insultes êste nu
Lá porque tenha bexigas.
Pescoço em francês é «cou»
As bexigas não maldigas.



PERFIL DE CRIANÇA

Por D. Sofia Martins.

Adorável e formosa,
Olhai a pobre menina:
P'ra não ser escrofulosa
Tome a «Fosfiodoglicina».

Piramidais engenhos!

CAGANIFANCIAS



DR. PINHEIRO TORRES

Por Sousa Caldas.

Ah! Este é o grande Alberto,
O talento cá do Pôrto?
Pois olhem, (juro que é certo)
Parece Alberto, mas Torto.

AOS ESCULTORES

O' impagáveis Migueis
Lá do Grão Fídias parentes:
Deitai já fora os cinzéis,
Pobres frutos sem sementes.

Pipas de talento!



UMA FLOR ESQUISITA

Por D. Alice Grilo.

Pinta isto, isso e aquilo
Pinta, pinta, já lho disse.
Porque na mão pôs um grilo,
Retratou-se a Dona Alice.

A' ARTE

Perdoai Senhora minha,
Os maus tratos que sofreste.
Cada um deu o que tinha,
Nada foi o que lhes deste.



CARLOS CARNEIRO

Por Henrique Moreira.

Venham, venham todos ver
O que aqui aconteceu:
Acaba de falecer
Um pintor amigo meu.



Os jogos de domingo

Os oitavos de final, cá no Pôrto, foram aquilo que já se esperava há muito. E se não fôsse aquela pouca sorte do Boavista, que se deixou bater em sua própria casa, seria perfeitamente de acôrdo com os nossos vaticínios.

Na jornada de Domingo, apurou-se o seguinte:

No jôgo Salgueiros-Pôrto,

— que a educação dum dos grupos nem com um *dia de boa-vontade* se consegue dividir;

— que o Jorginho continua a dar pontapés por tudo e em tudo;

— que o jôgo Salgueiros-Pôrto teve a caracterizá-lo uma coisa nova: a saída dum jogador de cinco em cinco minutos;

— que se não fôsse o bom senso do árbitro em acabar com o jôgo no meio do segundo tempo, o Salgueiros chegava ao fim só com o *keeper*;

— que os azuis e brancos não parecem constituintes, tão bem se teem sabido portar. E' que os parlamentares às vezes...

— que o Silvestre Rosmaninho volta para os montes e deixa de arbitrar. Confessou-nos, dolorosamente, que na sua vida foi a primeira vez que teve de suspender um desafio entre clubes irmãos;

— que não admira porque Caim matou o Abel, coitado!

— que o mesmo árbitro foi nomeado sócio honorário do Salgueiros;

— que o Castro, desta vez, não bateu em ninguém, e que o Avelino não teve nenhum castigo. Já é azar!...

— que a assistência quis reclamar o seu dinheiro, mas que o não conseguiu porque as contas eram muito difíceis.

— que a inocência do Pepe ficou amplamente demonstrada, quando se pôs em bicos de pés para falar (isto é favor, mas vá lá) ao Siska;

— que há quem pense em levantar-lhe uma estátua por causa do nome;

— que tudo o que lhe aconteceu é desculpável, porque foi para o campo com febre;

— que o Sousa das Pernas Grandes, está levado dos diabos, e que nunca ninguém o viu rir, nem sorrir sequer;

— que êle tem uns pés que chegam mais alto do que a cabeça e uma cabeça que vai mais abaixo do que os pés;

— que o Pinga no Domingo não provou da cuja.

Casa cheia.

Boavista-Luso

Aquilo foi o diabo da macaca! O Abílio Braga bem se torceu todo, mas nada! Ele estava branco como a cal da parede, coitado!

O Luzia, bem luzia; mas o Oscar não queria saber daquilo para nada. E os de lá de baixo, bumba! Logo que apanhavam uma fugida, pregavam com a bola dentro da casota, enquanto o Casoto ficava a olhar para ela.

Total: 5 a 2 a favor dos Barreirenses!

Uma coisa que se podia ter evitado, segundo nos pareceu.

Coisas impossíveis no Sport

— Ver um Salgueiros-Pôrto a sangue frio.

— Saber quando um desafio chega ao fim.

Em Lisboa

Também por lá a coisa não esteve boa. O *Belenenses* obrigou o *Sporting* a rezar uma novena inteira. Nos dois desafios foi uma quinzena completa.

Dizem que os leões meteram o rabo entre as pernas.

Dos outros veio à tona o Marítimo, e o Olhanense ainda vê graças a Deus.

Enfim: há oito clubes que vão p'ro quarto... de final.

VIAGENS MARAVILHOSAS

MARIA RITA, semanário humorístico, (se calhar ainda não tinham dado por isso) de grande tiragem e expressão, com uma tiragem muito superior à da chaminé da Central do Ouro, falaria a um dos seus mais sagrados deveres (bons tempos) se não mantivesse nas suas libidinosas páginas, uma secção assazmente instrutiva e propagativa, onde os seus leitores, leitoras e assinantes que pagam bem, pudessem sentir intimamente as sensações de uma viagem, como se êles próprios a tivessem efectuado.

Para isso, tínhamos necessidade (por fatalidade, é o que mais temos) de chamar ao nosso seio anafado e gordo uma competência técnica decorada com os maiores requintes hodiernos, desempoeirada e cultivada com os superfosfatos da Cuf.

Trabalho furtivo e dolorosamente baldeado na nossa caixa fosfórica, sem fósforo que ria. Depois de várias Assembleias Gerais completamente ordinárias; de constantes retinções no Areinho e de enchermos um sem número de linguadros nomenclatórios, conseguimos exclamar ruidosamente... Eureka.

Paisu, era o colaborador por excelência indicado para preencher esta lacuna; e, sem mais esgares nem reticências, mandamos fardar o nosso *chauffeur* de serviço permanente, e, num salto, premeditadamente premiamos o estafado boião de campainha do seu palacete na Avenida Maritima.

Depois do protocolar quarto de hora de espera, surge-nos a enfermeira de suas excelentíssimas criadas, indagando com um ar seráfico e altaneiramente Mutanol e triste, o lutuoso fim da nossa visita.

— Desejavamos falar ao Ex.^{mo} Sr. Paisu.

— O senhor não está, saiu.

— Pois então, vá à... cabine telefónica

(tome lá cinco croas para fazer cinco chamadas urgentes. A's primeiras quatro, as meninas dizem-lhe que está a falar, e à quinta facada, elas sempre ligam, porque nesta altura, já vale a pena não a fazer perder mais tempo) e diga-lhe que estão aqui uns amigos que chegaram da Noruega e que teem muita urgência em falar-lhe.

— Chegaram de onde?!...

— Da Noruega, menina. O seu patrão sabe muito bem o que é isso, que êle não come outra coisa.

— Sim, meus senhores.

E lá se foi ao mesmo tempo que nós víamos entrar o célebre Paisu, globe-trotando o seu eterno costume de andar às voltas com o mundo. Trazia numa mão uma esfera armilar e na outra um mapa-mundo em tamanho natural.

Paisu, completamente capacitado de que o tempo é dinheiro (êle é riquíssimo, porque já tem setenta anos) perguntou-nos tão à queima-roupa que até cheirou a chamusco, a razão do assalto à sua residência.

E nós, todos trementes, dissemos-lhe que, como enviados da grande revista MARIA RITA (se ainda o não é, há de vir a sê-lo num futuro quasi presente) o íamos convidar para tratar nas suas colunas os assuntos da sua especialidade: Viagens maravilhosas.

Paisu, muito confuso, deu um ah! de alívio porque julgava tratar-se de assinar uma letra, e prometeu começar no próximo número o relato das suas façanhudas façanhas.

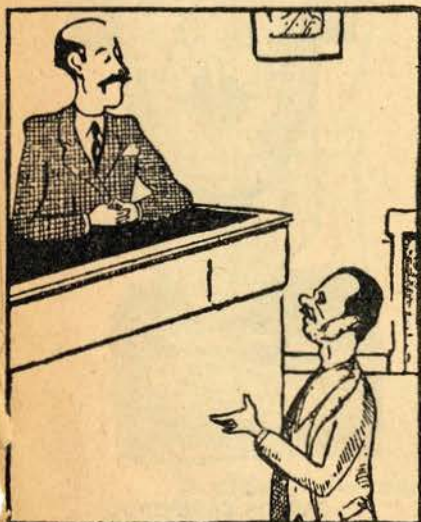
Em face disto, terão os leitores do nosso sabadário, na próxima semana, mais um mártir do trabalho *penal* a aureolar-lhes (que fino) as suavíssimas páginas.

PAISU.

ANÚNCIO

Pede-se ao cavalheiro que na passada quinta-feira, ao passar em frente ao número 215 da Rua do Almada, escorregou numa casca de laranja e rasgou o fato todo, o favor de voltar a passar por lá, porque os filhos da signatária se divertiram imenso. — *Joaquina*.

No tribunal



— Confessa que matou a sua espôsa sem motivos para isso?

— Sim, senhor juiz...

— E por quê?

— Para que não mos desse um dia.

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Bocage, — estás farta de o saber — embrirava com os médicos. Porque seria? Ao cabo de muito pesquisar, encontro só uma explicação. Bocage era um egrejo poeta, mas muito esquivo a saldar as suas contas; (encontra tu, se és capaz, uma forma mais respeitosa de lhe chamar caloteiro). Tendo feito do epigrama o seu credo, aos credores pagava nessa moeda; foi mesmo o primeiro papel moeda que circulou em Portugal; — o génio é precursor... acredita. Criou asca aos médicos por não poder pagar-lhes; é um fenómeno psicológico bastante freqüente. E foi essa a origem dos epigramas que eles tiveram de epigramar.

Bocage e eu não somos da mesma opinião; eu bem sei que ele tinha imenso talento; mas ter talento equivale raras vezes a ter razão. Não. Embora os derrotistas digam que Portugal é um combóio de mercadorias, a verdade é que tem várias classes muito boas; uma das melhores é a classe médica, embora nem sempre seja uma classe módica (e eu não posso dizer isto por mim). Como é tolice, porque tal padre é mau, atacar a Igreja, assim é erro, porque tal médico é ruim — fulminar a medicina.

Não compreendo, portanto, qual a ideia do Dr. José Bonito.

Este distinto clínico está a dar brado; tem plena liberdade de o fazer, usando da faculdade que lhe confere a Carta Constitucional — e da Carta que lhe conferiu a Faculdade de Medicina. Devo dizer que não o conheço nem da água nem do sal; mas vejo pelos jornais que vai pôr o sal na moleirinha a muitos dos seus colegas, por meio de um jornal médico que premedita. Quais os seus propósitos? Ele o disse: — *aprimar e purificar a classe; nivelar a Avenida e a Rua do Alecrim*; e prosseguir na campanha *«contra uma parte dos que persistem em ser cegos»*.

Creio que todos aplaudiremos o aprumo e a purificação; mas deve haver divergências quanto ao nivelamento da Rua do Alecrim e da Avenida; em primeiro lugar porque, sendo a Avenida em declive, a bolha do nível se havia de ver em pancas para nivelar por ela o quer que fosse; e em segundo lugar porque não havia onde deitar o entulho.

Quanto a dar vista a uma parte dos que persistem em ser cegos, parece-me um louvável propósito de oftalmologia jornalística. Creio porém, — a bem da purificação — que era contra todos os cegos voluntários, e não apenas contra uma parte deles, que o Dr. José Bonito devia quebrar lanças — metendo uma em Africa. Em tudo se quer igualdade e justiça. E' erro grave aceitar neste o que se combate naquele. Se escolhe os cegos que combate, em vez de os combater a todos, o Dr. José Bonito encontrará pela frente vários sindicatos profissionais de zabolhos. E tem de preparar as suas hostes para combater a greve do olho caído.

Mas estou a meter foíce em seara alheia. Aguardemos, MARIA RITA, a publicação do jornal e o desenrolar da campanha. Se dá o que promete, — vai ser bonito.

Falei-te, na minha carta anterior, da Câmara Municipal de Lisboa. Torno a falar. Não é minha culpa.

E' outra vez a questão das carnes, que a actual vereação pôs na berlinda, e vice-versa. A eterna história. Isto das carnes, em Lisboa, é tema — com vereações.

Se queres que te diga, não percebo ao certo o que aconteceu. Mas, mais de aqui, mais de ali, o que acontece é sempre o mesmo.

Quando as vacas são gordas, vai a coisa bem; as banhas que levam evitam o frio. Mas as vacas seguem a linha da moda, e agora

são magras. Comem pouco, andam com a língua de fora; e ficam com a língua tão comprida que, mesmo depois de mortas, dão com ela nos dentes. E' o diabo. Demais a mais há muitas coisas que mais convém matar à nascença.

E aqui tens o panorama geral da questão das carnes, que surge, morre, nasce, ressuscita, se prolonga, e continua.

Há, é claro, afluentes e confluents. Por exemplo, os carneiros. Dantes, era da praxe irem buscar lá e virem tosquiados; agora, não encontrando quem lhes dê um pataco pelos caracóis, andam em regime permanente de suadoiro; resultado, já nem podem com a carga de ossos que levam no lombo. *Consumidor* é, cada vez mais, uma pessoa que se consome. Resta-lhe a carne de cavalo? Mas essa, para o seu paladar, é sobre queda coice.

E entretanto, não vai a gente a um restaurante que não recite a *Nau Catrineta*... Lembra-te? «Deitaram sola de molho...» E' muito poético! Mas caríssima. Quem lucra com as disseções internas são sempre os estrangeiros. Ainda ontem paguei nove escudos por um bife. Era um bife de vitela americana.

Fêz-me muita pena o leilão do palácio de um conhecido banqueiro lisboeta, que a sorte duramente perseguiu — depois de um longo bafejar propício.

Faz sempre pena ver desabar um sonho — e só quem não for meio-poeta poderá, com uma indiferença gelada, se não com um contentamento de despeito vingado, ver os castelos de nuvens que outros ergueram rijamente dispersos por um vento mau.

Como não quero, nestas cartas que te escrevo, ficar-me pela tristeza, dir-te-ei no entanto que também me impressionou, na notícia que li, ver que fora vendido por muitos contos um cão de faiança.

O cómico e o trágico vivem em quartos contíguos; — em dois quartos do coração. Lembrei-me de um cão que eu tenho, que não é de faiança, mas que é de quasi dois contos, — no alfaiate.

Fala-se na proibição das vendas de retalhos e demais pechinchas a preços ínfimos. Constituem um perigo para a segurança pública.

Quando as lojas põem grandes letreiros a anunciar 20 % de desconto, e outras mirabolâncias, despoavam-se as ruas e entra a multidão em tropel. Um destes dias, até uma motocicleta que descia o Chiado, vendo os famosos letreiros, entrou velozmente pelos Grandes Armazéns, detendo-se a custo na secção de perfumes. Enquanto são só motocicletas, pode passar. Se dá a mesma veneta às limusinas, é grave. Mais vale prevenir.

A morte do Presidente Doumer impressiona longamente Lisboa. Não pararam ainda os comentários. Por acaso, no dia em que o assassinaram, havia um jantar de gala no lindíssimo Casino do Estoril. Como lhe cumpriria, o corpo diplomático absteve-se de comparecer. Só não se absteve o Ministro da Alemanha, que juntou e dançou animadamente. Está claro que não foi por acate; — simples distração. Mas a política de Stressmann não se compadece com distrações, e é de crer que lá do alto, em celestial desabafo, o célebre estadista murmurasse ao ouvido de Bismarck: — «E' distraído, o nosso Horsemann... Aquele jantarinho, aqueles fox-trotezinhos, na-

quê dia...» — Ao que o velho Chanceler de Ferro, — que só não era católico para não ter Papas na língua — respondeu de-certo: — «Uma gaffe kolossal».

Esteja descansado o simpático representante da Alemanha. As vozes do céu nem sempre chegam à terra. A França ignorará a sua distração sem culpa. Eu é que sou um grande mexeriqueiro.

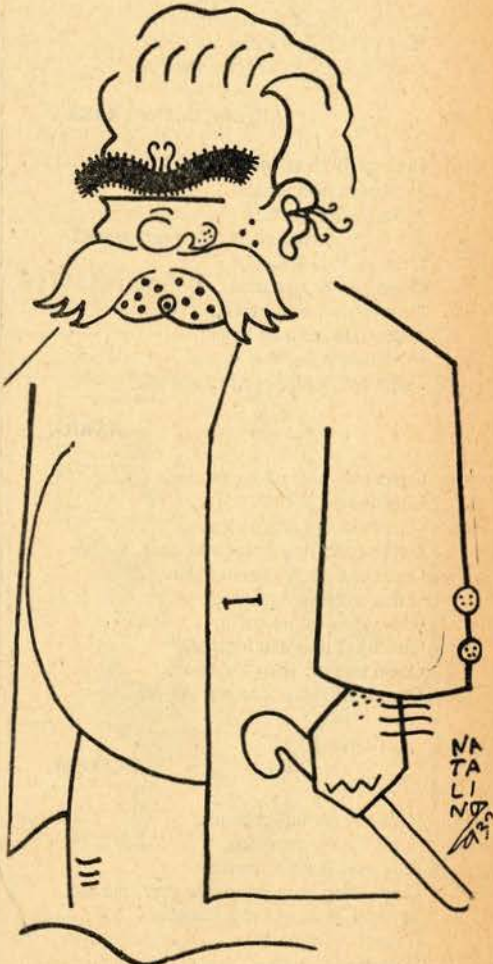
Tomaz Ribeiro COLAÇO.

SEMANA DO LIVRO

Procure V. Ex.^a
as edições de
PORTVCALE
no STAND N.º 7
ou casa

MOREIRA DA COSTA (FILHA)

que é que
vende melho-
res livros aos
melhores preços



Talvez não seja bonito
Porque bonito o não acho.
Mas p'ra defender o Brito,
De boa mente cá m'acho.



Para o mote

*Quem quer vai quem não quer manda.
Quem tem medo compra um cão.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

A um jardineiro da Holanda,
Comprei bolbos p'ra o jardim...
Mandou-mos podres... enfim:
Quem quer, vai; quem não quer, manda!...
Mandei-lhe uma sarabanda...
Disse até que era intrujão!...
Assim faz quem tem razão
E não quer passar por burro!...
Vou à Holanda dar-lhe um murro...
Quem tem medo, compra um cão!! ..

Alfredo Cunha (RASA).

Debruçada na varanda
Exclamava bem sisuda
A Beatriz nariguda:
Quem quer, vai; quem não quer, manda.
E fica de cara à banda
Quem perder a ocasião
De reprovar, com razão,
Todos que queiram negar
O rifão bem popular
Quem tem medo, compra um cão.

MÁRIO.

Quem co'a neura às vezes anda
Chegue-se à MARIA RITA,
Quem namora, vai na fita,
Quem quer, vai; quem não quer, manda.
Quem tem sogra, tem desanda,
Quem trabalha é toleirão,
Quem casa vai no balão,
Quem 'stá têsso não é gente,
Quem tem dinheiro é valente,
Quem tem medo, compra um cão.

(Aveiro).

OLEGNA.

Já toquei em muita Banda,
Já fui mestre sapateiro,
Já li, num grande leteiro:
Quem quer, vai; quem não quer, manda.
Já andei de Banda p'ra Banda,
E mudei de opinião.
Já senti o coração
Apaixonado por ti.
E só agora descobri,
Quem tem medo, compra um cão.

Rutra SEUQRAM.

Pequenas da minha terra,
Que morais na outra banda,
Não me façais ir à serra,
Quem quer, vai; quem não quer manda.
A vossa telha tresanda.
Num fervor bem toleirão,
E se gostais de melão,
Admirai com ardor
A careca do Heitor,
Quem tem medo, compra um cão.

Zé do NORTE.

Merecia uma sarabanda
Ou um pesado chicote
Quem plagiou este mote:
Quem quer, vai; quem não quer, manda.
Eu já glosei noutra banda
Talvez no passado verão,
Outro igual, sòmente então
O cão não vinha no fim.
Começava o mote assim:
Quem tem medo, compra um cão...

SAGITARIUS.



E, embora atrasadas, publicamos ainda as seguintes glosas do mote anterior:

Temos aqui graça a rôdos
Do Sérgio, Barbosa e Leite:
Então, leitor, aproveite,
Que o Sol nasce para todos.
Se, com igual graça e modos,
Em prosa que é muito sua,
O Marcial se insinua,
O seu filho, com certeza
Nos dirá com singeleza
Para quem nasceu a Lua?

Nuno LAGES.

Muito antes dos Visigodos
Já tóda a gente dizia
Com ares de sabedoria:
O Sol nasce para todos.
Com este e com mais engôdos
Inda há gentinha tão crua,
Que vendo brilhar na rua
A pinha de Arnaldo Leite,
Lhe pergunta com deleite:
Para quem nasceu a Lua?

(Aveiro).

OLEGNA.

Mote para o próximo número:

*Neste jornal, a taracha
é sempre coisa de estucha!*

O pensamento dum homem e o corpo duma mulher, quanto mais enfeitados melhor. É difícil resistir à nudez, a um e a outro.

Américo Gomes



Um escultor desconhecido que a si mesmo se desconhece.

Nos trabalhos que expôs no Certame da Sociedade de Belas Artes do Pôrto, revela preciosas qualidades de observador.

MARIA RITA oscula o jovem ancião, es-treitando-o contra o altar do peito.

O metropolitano da cidade

Quem é?

Um chapéu alto. Uma pêra.
Homem fino e delicado.
— Como passou? Passou bem?
Muito bem, muito obrigado..."

Este doutor muito rico
dava a fortuna que tem,
p'ra poder entrar, de novo,
no Palácio de Belém...

FERVIDO.

Anexim

A Rosa Garrido,
depois de viúva,
traz "quico", usa luva...
O pobre marido,
deixou-a, é notar,
de mãos a abanar...

Mas se ela aparece
no teatro ou na rua,
quási seminua,
— a todos parece
senhora de "teres"
e bastos "haveres"...

Ela lá se entende!
e a explicação
está no rifão:

".....
.....
....." (?)

NOK-TOK.

Decifração do último número: — *Quem é?*
— José Santa.

Matadores: — Burcuras, Rei dos Borlistas,
Cardial Mira, Conde da Palmeira, Rei do Milho,
Chico das Figas, Maririta, Conquistador, Olegna,
Rei do Jazz, D. Quixote, Rei Vitalício, Dr. Rot-
chackoff, Lôbo do Mar e Rambóia.

Farrapos da ciência

ou por outra:

ciência esfarrapada

Predições astrológicas para o mês de Maio

Ainda e sempre o signo Gémeos. Os dias,
nesta quarta quinzena continuarão a crescer
salvo se o Govêrno decretar outra mudança de
hora. Depois do Pentecostes, vem o sol, sempre
sol. Sol de manhã, sol durante o dia, sol à noite
e sol e dô! Explêndido para plantar couve na-
bica. Maio é o mês das romarias e das cerejas...
caras. Calam-se as melancias, porque ainda não
sabem falar.

Vamos lá a ver a sorte de cada um:

Dia 22 — Quem nascer neste dia, estará
sempre armado para a luta. Grandes prémios
nas corridas pedestres.

PASSAGEIROS E MERCADORIAS

Como os nossos simpáticos leitores
sabem, o Grande Metropolitano, cuja
estação principal se encontra entre o
Cogumelo da Caixa e o Farol do
"Comércio", foi baptizado por nós há
cêrca de um ano.

Todos os tripeiros conhecem os
urgentes e inadiáveis serviços que tem
prestado à cidade a maravilhosa linha
subterrânea, que se tem desenvolvido
dia a dia, graças à infatigável propa-
ganda da T. I. T. — "Turismo-Invicta-
-Tripa".

Tanto a Central, como as estações
da Praça da República, Rotunda da
Boavista e Carlos Alberto, continuam
a ter enorme afluência de passageiros,
com grande arrelia do Sr. Eduardo
Plácido que não pode ver um vagão
lavado a ninguém.

Continuam a ser utilizados os bilhe-
tes de papel de sêda, não sendo permi-
tido aos passageiros guardarem os mes-
mos nos bolsos ou nas fitas dos chapéus,
como costumam fazer nas outras Com-
panhias congêneres.

O serviço de mercadorias

Uma justa reclamação

Se o serviço de passageiros tem
decorrido normalmente, quer nas Esta-
ções acima indicadas, quer nos apea-
deiros das Escadas do Pinheiro, Baixos
de 31 de Janeiro e Escadas Santo Ilde-
fonso, o mesmo não podem dizer com
referência ao despacho de mercadorias.

E' o caso que as estações afastadas
do centro fecham cedo de mais, preju-
dicando os expedidores que se vêem
de-veras embaraçados para fazer chegar
as encomendas ao seu destino.

Ainda não há um mês, aí pelas

nove horas da noite, estávamos nós na
rua 5 de Outubro, quando sentimos
uma absoluta necessidade de fazer expedi-
dir uma mercadoria, em grande veloci-
dade e com porte pago.

Qual a estação mais perto? A da
Rotunda da Boavista.

Esbaforidos, encaminhamo-nos para
lá, levando a guia do despacho numa
mão e segurando com a outra a mer-
cadoria, que com a corrida dada por
nós, pretendia saltar fora da embala-
gem.

Ao chegarmos à estação caiu-nos a
alma aos pés. Estava fechada!

O despacho era urgentíssimo. Não
podíamos esperar um segundo. Que
fazer?

O que nós fizemos. Pousamos a
mercadoria no portal da Estação e jun-
tamos-lhe a guia do respectivo despa-
cho, devidamente preenchida a tinta
preta.

Estávamos nós a guardar a caneta,
quando lobrigamos um mantenedor da
ordem que a passo estugado se enca-
minhava para o hall da estação.

Fugimos.

Não nos fôsse êle obrigar a voltar-
mos com a mercadoria para casa.

Amigas



— Olha, Marimília, queres fazer um
pequeno favor à tua amigueta?

— Não me tomas, de-certo, por uma
de essas como tantas outras...

Astrólogo BARBATANA.



Coisas que a um rapazinho de bom tom fica bem saber

Umam frases soltas dos livros de Eugénio de Castro, pronunciadas por tudo e em tudo, por exemplo:

Sob as côr de mosto, vespereais olaias... etc., etc.

Com quem, porque e quantas vezes se divorciaram as principais vedetas de Hollivood.

A marca, a fôrça e demais características dos últimos modelos *superhyperheighlt* de alguns automóveis caros.

O nome próprio das melhores coristas dos nossos teatros e algum escandalozinho das actrizes que passam por honestas.

O nome das manicuras do Pôrto e a morada das mais simpáticas empregadas do Rivoli.

Se o Casais já meteu pipa nova e que tal é o vinho.

Coisas que o mesmo, vaidosamente, deve ignorar:

O preço porque lhe ficou o seu automóvel, o seu fato ou o último presente que ofereceu.

O autor ou autores da peça em cena no teatro tal.

O número das suas amantes.

O dinheiro que traz na carteira.

A que horas abrem e fecham as casas onde se trabalha.

Que o sol se levanta às sete quando êle julgava que só aparecia ao meio-dia.

Que o pai anda a fugir aos credores por causa das dívidas do filho.

Quem escreveu os Lusíadas.

Que a menina Fulana, que êle requestava, é riquíssima, quando êle a julgava uma pobretona (Tadinho).

Dr. KNOX.

PASSEIO ALEGRE

O PÊSO DOS ANOS

Entre o Matias Côrado e a sua respeitável igual — fujo ao banalíssimo cara-metade porque não sou intrujão — ia só uma diferença de um quilo.

Tôda a gente dizia que foram talhados um para o outro, e eu acredito e acrescento que foram talhados pela medida grande.

Ele tinha cento e vinte quilos de pêso com osso, e quarenta anos de idade; e ela o mesmo número de anos e o mesmo número de quilos menos um, como eu disse acima, e gosto pouco de me desdizer.

Casaram há tempos, e o seu enlace foi o que se chama um verdadeiro casamento de inquilinação. E se digo assim, é porque o Matias era inquilino do pai dela.

Não poderei dizer se do casório brotou algum pimpolho, porque não se via bem com a gordura. O que sei, e isto afirmo-o absolutamente convicto, é que no próprio dia do himeneu se

deu um caso lamentável de descortesia da parte de um dos convivas. Contando espalharei...

Tudo correu bem até à hora da partida para a igreja. Os papéis estavam na devida ordem, o que já é meter uma lança em Africa. Os noivos estavam lindos; e se não fôsse o enormíssimo volume que as costas demonstravam, talvez que se não tivesse dado nada.

Chegaram os carros. E aqui começou o drama. Matias Côrado viu rebrantar as molas do desgraçado «coupé» que estava reservado para a noiva, quando ela lhe tocou c'o pé. E para entrar foi um martírio; as anafadas carnes dianteiras foram tomando assento no interior; mas as traseiras nem de lado nem com geito se ageitavam no assento. Bem empurravam os parentes mais chegados; bem se esforçaram todos. Já os cavalos olhavam de esconço, já a segunda mola estava inerte no seu

pôsto, quando, ao som de uma, duas, três, lá se introduziu a catadupa, ao mesmo tempo que as rodas da traquitana se encostavam à *carroserie*.

Quanto ao noivo, meus senhores, para quê massacrar-vos com descrição igual? Bastará dizer-vos que aquela diferença de um quilo foi o suficiente para os cavalos ajoelharem e irem de joelhos até à igreja.

Mas, por fim, lá foram todos; o carro dela na frente, e o dêle no couce, como compete a um noivo.

Na igreja não correu nada mal; à parte um pequenino incidente provocado pelo padre sem querer, quando perguntou ao noivo se estava disposto a conduzir a mulher pela vida fora, nada mais.

Mas quando saíram, já casados, e como tal muito mais leves, visto que eram metade um do outro, então é que foram elas. E' que o cocheiro do carro que havia agora de levar os dois tinha fugido para Espanha. E os outros estavam dispostos a fazer a greve dos carros caídos. Alguém aventou até o chamar-se um carro de defunto para os levar a ambos, por causa das boas entradas e melhores saídas; mas depois acharam má a ideia, por falta de coroa.

Não sei como chegaram a casa; mas houve alguém que os viu apearem-se dum *camion* com *bandages* e engrenado em primeira.

A sala do copo de água estava armada logo ao rés-do-chão, por determinação expressa do finado, que não gostava de subir.

E então é que foi comer, rapazes! Mastigou-se durante horas seguidas, sem parança, sem armistício de espécie alguma. Brindou-se a tudo, desde os avós dos noivos até aos futuros netos dos mesmos.

E aí por alturas das sete da tarde (hora velha) começaram os convidados a sentir a necessidade de se erguerem. Mandava, porém, a boa educação que fôsem os noivos os primeiros a dar sinal. Mas estes, meus amigos, estavam absolutamente integrados nas desgraçadas cadeiras. Tinham atirado para ali com o corpo, amolentados agora pelos licores, e só de cinco em cinco minutos viravam as cabeças para se sorrirem misericordiosissimamente.

Mais brindes; a tudo: à beleza da noiva, ao carácter do noivo, às qualidades dos dois, e à linda idade de ambos.

Foi nesta altura que o tal convidado fêz das suas. Levantou-se, e empunhando a taça, falou d'est'arte:

— Respeitabilíssimo casal que venho de ver unir-se! Sinto a maior das satisfações em beber esta taça à saúde das vossas prosperidades, e faço os mais ardentes votos para que nunca passe sôbre vós o pêso dos anos e sempre vos possais levantar...

Não terminou. Uma tempestade de aplausos irrompeu, ao mesmo tempo que todos aproveitaram a deixa para se erguer, menos o noivo e a noiva, que já de há muito vinham experimentando o pêso dos anos, a-pesar das suas quarenta primaveras improficuas.

José de ARTIMANHA.

PEÇAS

de Fernando Pessoa



DE QUE MORREU O PESSOA

Peça em 1 acto e 3 cenas, sendo uma delas indecente

CENA I

Sala de estar. Algumas visitas, de rosto compungido, tentam amenizar as horas que faltam para a saída do féretro. D. Amorosa, a viúva inconsolável, chora abundantemente. Vem da sala pegada um cheiro a defunto, que trespassa.

O sr. LÔBO, a pessoa que se aproxima para a viúva do Pessoa:

D. Amorosa, coragem!
Bem vê! E' o inevitável!
Esta vida é uma viagem
Feita em velha carruagem,
Sem nada de confortável,
Por uma estrada indecente,
Cheia de covas e seixos.
Basta um baldão p'ra que a gente,
Sem esperar, parta os eixos,
As molas, até os queixos,
E adeus vida, p'ra sempre!
Vá! Então, D. Amorosa?
O mundo não se acabou,
Por ter morrido o Pessoa!
Ponha-se mais animosa!
Graças a Deus, muita e boa
Gente ainda cá ficou.
(atira-lhe uma olhadela capaz de fulminar um tejoblo refractário)

D. AMOROSA, limpando uma lágrima e olhando-o furtivamente, com um lampejo de esperança:

O sr. Lôbo diz bem!
Mas este golpe é tão rude!
Sabê-lo estendido além!
(suspirando)

Não me posso habituar
A esta certeza horrível
Do Pessoa se encontrar
Lá dentro, no ataúde,
Desfalecido!...
(Em vez de olhar, desolada, para a porta do quarto onde se encontra o morto, atira ao Lôbo uma olhadela de soslaio que o ia tolhendo todo, e soltuça desgarradamente):

Ai! ai!...

(Todos, por delicadeza, soltam um suspiro fundo. Uma senhora, às voltas com o seu flato, larga também um estrondoso arroteo).

CENA II

UMA MENINA perliquitetes, metendo o bedelho na conversa:

E sabe, D. Amorosa,
De que morreu seu marido?

A VIÚVA, com outro suspiro, que faz abanar os bigodes do Lôbo:

E' um pouco nebulosa
A causa que vitimou
O meu pobre ente querido.
O doutor que o visitou,
Um grande sábio, um chavão,
Estes nomes lhes chamou:
Ou foi a dissociação
Total, seringomiêlia,
Ou então a ataxia
Motora, sempre fatal,
Que numa avançada bélica
O prostou, um certo dia
No seu tálamo final.
(as visitas olham-se com cara de parvos. O sr. Lôbo, para não dar a conhecer que não percebeu patavina, faz com a cabeça um gesto grave, de assentimento.)

Um estudante de medicina chamado Fernando, que quer mostrar que pesca da poda, explica:

E' fácil a explicação!
Assim, dissociação,
Lá diz a *Action Française*,
E' um terno que é oposto
A' palavra maionaise.
Seringo, vem de seringa,
Miolo, vem de miolo
Aquilo que falta ao tolo,
O fósforo, a pederneira,
E que ainda vai pela espinha
Até ao fundo das costas.
Portanto a palavra inteira
Quere dizer que há uma morrinha,
Em atacar, expedita,
Quem de seringa precise
(Pasma geral na assistência. O Fernando continuou):
Quanto à segunda, eu explico!
A ataxia motora
Não é doença de rico,
Como o está a indicar
No começo o seu prefixo.
A ataxia é a falta
De táxis, p'ra nos levar
Até à Baixa ou à Alta.
Resumindo o meu pensar:

E' uma moléstia barata
De que sofre muita gente
(Há meio mundo doente)
E' o ter de andar à pata!
(Depois do pasmo geral, seguido de dois minutos de silêncio pela memória do morto, o sr. Lôbo disse, comovido):
Calculo agora, senhora,
Quanto deveis ter sofrido!
Quanta seringa, partida
A tratar vosso marido!
Quanta marcha extenuadora,
De cair, desfalecida,
Pelas ruas da cidade.

(Ela, reconhecida, manda-lhe outra olhadela capaz de arrasar uma montanha).

CENA III

Há visitas que se despedem. Lágrimas, beijos, soluços, todo o arsenal piedoso usado em tais funções! O sr. Lôbo, ao despedir-se, diz ao ouvido da D. Amorosa:

Se quiser, D. Amorosa,
Em breve a felicidade
Lhe voltará a aparecer!
Aqui lhe juro e trejuro
Que não a deixo morrer
Da morte de seu espôso.
Eu tenho um carro seguro,
Moderno, muito espaçoso,
Um verdadeiro feitiço
Pintado a côr de laranja.
E seringa, quanto a isso...
(pensa um pouco e sussurra-lhe ao ouvido).

Seringa, também se arranja!

Jeremias SÓ.

CARTAZ DE HOJE

Rivoli: — Companhia António Macedo — O Crime da 5.ª Avenida.

Sá da Bandeira: — Reiseiros da Maia — Santa Marta.

Águia d'Ouro: — O célebre film de Charlot — Luzes da Cidade.

Trindade: — O film sensacional — Luzes da Cidade.

Olimpia: — Semana Paramount — A pura verdade.

Batalha: — Sonoro — Fatalidade.

SEMANA DO LIVRO

Inaugurada hoje na Praça da Liberdade

Nos

STANDS REUNIDOS MARIA RITA

Grande humorístico semanal

e da

CIVILIZAÇÃO

Grande magazine mensal

Encontrarão VV. Ex.^{as} todos os livros que lá estiverem
à venda

DESCONTOS • PRÉMIOS • CONCURSOS

Um verdadeiro pau por um olho

Para já podemos anunciar dois aparelhos de barulho
que serão sorteados pelos compradores: Um aparelho
de T. S. F. que a casa especializada

RADIO PORTO

nos ofereceu para esse fim e um magnifico Gramo-
fone com doze discos por usar que a célebre casa de

RICARDO LEMOS

presenteou a **MARIA RITA**

VISITEM OS STANDS REUNIDOS